

América escrita por americanos: a instrumentalização da identidade *mestiza* na retórica paratextual de *La Florida del Inca*, do Inca Garcilaso de la Vega.

América escrita por americanos: la instrumentalización de la identidad *mestiza* en la retórica paratextual de *La Florida del Inca*, del Inca Garcilaso de la Vega.

Alejandro Díaz Acosta

Resumo

Os paratextos de um livro constituem uma das ferramentas mais úteis para os historiadores, pois como espaços de “conversa” entre autor e leitor, permitem abordar uma vasta gama de assuntos que não necessariamente passem pelo conteúdo em si do corpo textual. Desde essa perspectiva, analisaremos neste artigo os paratextos iniciais da primeira edição de *La Florida del Inca*, escrita por Garcilaso de la Vega, com o intuito de assinalar como a identidade e a ascendência do autor são empregadas pelo mesmo para alcançar determinados objetivos dentro da retórica paratextual da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Paratextos; Identidade; Mestizo; Obra; Retórica.

Resumen

Los paratextos de un libro constituyen una de las herramientas más útiles para los historiadores, pues como espacios de “diálogo” entre autor y lector, permiten abordar una amplia gama de asuntos que no tratan necesariamente sobre el contenido en sí del cuerpo textual. Desde esa perspectiva, analizaremos en este artículo los paratextos iniciais de la primera edición de *La Florida del Inca*, escrita por Garcilaso de la Vega, con el propósito de señalar como la identidad y la ascendencia del autor son empleados por el mismo para alcanzar determinados objetivos dentro de la retórica paratextual de la obra.

PALABRAS CLAVE: Paratextos; Identidad; Mestizo; Obra; Retórica.



Introdução

Neste trabalho analisaremos os paratextos iniciais da obra: *“La Florida del Ynca: Historia del adelantado Hernando de Soto, gouernador y capitan general del Reyno de la Florida, y de otros heroicos caualleros Efpañoles è Indios; efcrita por el Ynca Garcilaffo de la Vega, capitán de fu Mageftad, natural de la gran ciudad del Cozco, cabeça de los Reynos e prouincias del Perú”*, escrita pelo Inca Garcilaso de la Vega e impressa na cidade de Lisboa em 1605 com privilégio real e licença da Santa Inquisição na imprensa de Pedro de Crasbeeck, com dedicatória a Dom Theodosio de Portugal, Duque de Bragança e de Barcelos. O objetivo é examinar e tentar compreender os usos retóricos da própria identidade que observamos neles.

Torna-se preciso, portanto, conhecer as circunstâncias sob as quais o nosso autor cresceu e viveu, prestando atenção aos aspectos individuais específicos e às complexas mudanças simultâneas na estrutura da colônia que afetaram o seu devir e, portanto, o da sua obra. Partindo dessas aproximações, tentaremos definir o que significava ser *mestizo*, tanto para a sociedade hispana da época, quanto para o autor em específico. O faremos nos apoiando nos conceitos e problemáticas apresentados por Dante Liano (2008), José Antonio Mazzotti (2008), Raquel Chang-Rodríguez (2008) e outros autores e autoras que analisam a identidade e a visão do indígena e do mestiço na obra de Garcilaso desde uma perspectiva literária e historiográfica. Utilizaremos ademais os estudos de Verena Stolcke (2008) e outros mais recentes desenvolvidos por Robert Schwaller (2020) e María Juliana Gandini (2025), entre outros, para abordar a questão da mestiçagem no Peru da segunda metade do quinhentos e começo do seiscentos.

Por último, abordaremos a obra considerando-a como parte da formação discursiva historiográfica de finais do século XVI e inícios do XVII integrada pelas Crônicas de Índias, que apesar de ter sido um gênero textual amplo e variado, possuiu um conjunto de regras de escrita, um domínio de objetos e métodos comuns que foram se modificando e atualizando ao longo do tempo através do “metatexto” (Mignolo, 1981). Levando essa perspectiva em

consideração, adotaremos as propostas de Gerárd Genette (2009) acerca dos paratextos no geral para desenvolver as nossas ponderações sobre eles na *Florida del Inca*.

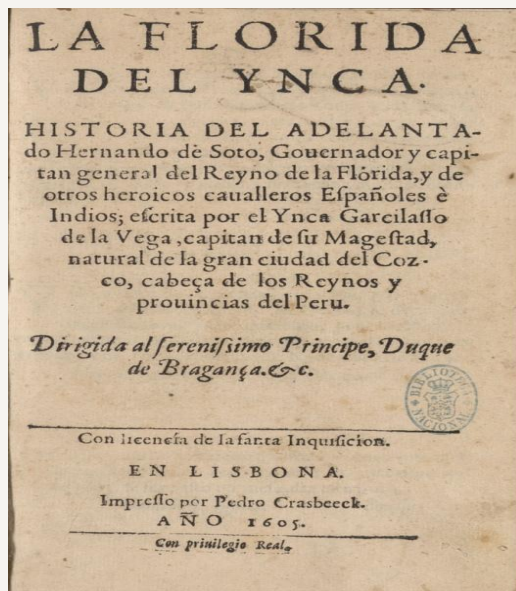


Figura 01: Página de título de *La Florida del Inca* (De la Vega, 1605, p. 3). Cortesia da Biblioteca Digital Hispánica.

A juventude de Gómez Suárez de Figueroa e a mestiçagem na América

O autor de *La Florida del Inca* nasceu em Cusco um 12 de abril de 1539 da união entre o *Capitán*, e futuro *corregidor* de Cusco, Garcilaso de la Vega Vargas e a nobre incaica Chimpu Ocllo, filha do Inca títere Túpac Hualpa e sobrinha de Atahualpa e Huáscar. O filho de ambos foi batizado Gómez Suárez de Figueroa, seguindo a tradição nominal dos condes de Feria e dos marqueses de Priego, seus parentes paternos (Chang-Rodriguez. 2006, p. 16-20). Durante sua infância, sob a orientação do *canónigo* de Cusco Juan Cuéllar, o menino recebeu uma educação católica como era comum na península e logo se iniciou no estudo do latim e dos clássicos junto a outros *mestizos* e espanhóis no seu entorno, dentre os quais destacaram vários sobreviventes da expedição à Florida e os filhos de Leonor de Bobadilla, dama de companhia de Isabel de



Bobadilla, esposa de Hernando de Soto, líder da expedição.¹ Mas, apesar da sua instrução à europeia, Gómez Suárez sempre se manteve próximo da mãe e da família indígena, junto aos quais aprendeu o quéchua e as histórias da passada grandeza Inca (Chang-Rodriguez, 2006, p. 16-20, 35; Stolcke, 2008, pp. 4-5).

Vendo o panorama mais amplo, o momento em que Suárez cresceu foi um de importantes modificações nas políticas da Coroa castelhana no tocante às uniões entre nativos e espanhóis na América. O estímulo oficial da união mista implementado para aumentar a população e favorecer as conversões de indígenas no contexto caribenho durante as primeiras décadas do Quinhentos foi substituído no segundo quarto desse século por novas legislações que tentaram limitar as uniões entre espanhóis e indígenas e fomentar o casamento dos conquistadores com mulheres espanholas, buscando controlar o crescimento da população mesclada, que naquele momento começava a ser vista como uma ameaça pela Coroa e pelas elites da América. Não obstante às proibições da Coroa, essa população continuou aumentando expressivamente (*Ibidem*, p.8; Schwaller, 2020, p. 166-167).

Foi nesse mesmo período que o termo *mestizo* começa a ser usado para se referir a um grupo específico da sociedade peruana de maneira oficial em documentos jurídicos, administrativos e atas de batismo para estabelecer os pagamentos de impostos, os direitos de herança e o recrutamento de mão de obra etc. O vocábulo, ao contrário do que acontecia com “*mulato*” ou “*negro*”, associados ao fenótipo dos corpos, era aplicado mais como uma designação da posição social, geralmente dúbia, ocupada pelos descendentes euro indígenas que não eram inseridos nem na denominação de “*español*” nem na de “*índio*”, pois era frequente que aqueles *mestizos* aceitos pelo lado “*español*” e criados no lar paterno fossem considerados como tais perante a sociedade, sobretudo quando alguma das partes possuía um status social relevante, enquanto aqueles que não eram reconhecidos pela parte espanhola se criavam com a família

¹ Essa proximidade aos membros da viagem de Soto pode ter despertado no jovem Suárez o interesse pelos acontecimentos. Alguns desses indivíduos inclusive lhe serviriam décadas depois como principais fontes para a escrita de *La Florida*.

“índia”, recebendo essa denominação. Tal prática foi sustentada pela concepção ibérica de que um filho era, na mesma medida, descendente do pai e da mãe (*Ibidem*, p. 165; Stolcke, 2008, p. 7).

Concomitante a esse aumento no uso do termo *mestizo*, se iniciou uma gradativa precarização do status social dessa nova categoria, cujos membros passaram a ser vistos como súditos de lealdade duvidosa, recebendo um tratamento discriminatório similar ao que sofriam os afrodescendentes e libertos. Essa visão negativa dos *mestizos* que começava aflorar nas Américas e que chegaria a ser consolidada na legislação, deve ser compreendida a partir das estruturas sociais e princípios ibéricos medievais ligados ao matrimônio, às relações sexuais e aos estatutos de *limpieza de sangre*. Esses princípios, desenvolvidos ao longo de séculos numa região marcada pela diversidade étnica, religiosa e cultural, estavam sustentados em certas visões teológicas que atribuíam ao sangue e aos antepassados um peso determinante na atribuição de valores morais a determinados conjuntos de indivíduos agrupados de acordo com suas particularidades, configurando assim, a posição que eles e seus descendentes deviam ocupar dentro da hierarquia social. (*Ibidem*, pp. 3-4)

Assim, a sociedade ibérica foi se estratificando de acordo com uma variedade categorias e terminologias que seriam aplicadas e adaptadas também nas Américas durante a colonização. Entre as categorias mais relevantes estavam aquelas ligadas a noções religiosas, da qual derivavam, por exemplo, os termos “*morisco*” e “*cristiano nuevo*”, usados para denominar os muçulmanos, judeus conversos e seus descendentes; as socioeconômicas, da qual partiam, entre outras, as designações de “*hidalgo*”, “*pechero*” e “*franco*” que se ligavam ao status de nobre ou plebeu do indivíduo, à sua profissão e à sua obrigação ou isenção de pagar um imposto especial à Coroa e finalmente as qualificações etnogeográficas, muito mais complexas e que se relacionavam ao lugar de nascimento (*naturaleza e vecindad*) aos costumes, cultura ou submissão



a um mesmo monarca (*nación*)² ou até a características físicas (*negro* ou *loro*). Além do mais, todas as categorias se complementavam e sobrepunham entre elas, criando uma escala intrincada de aspectos que permitiam discriminar aos indivíduos que carregavam algum ou vários desses estereótipos negativos (Stolcke, 2008, *op cit*; Schwaller, 2020, pp. 151-157).

É dessa forma, que a partir da segunda metade do Quinhentos, em um contexto marcado pelo afinçamento do aparelho burocrático da Coroa nas Américas, o crescimento econômico e a disputa por espaços de poder entre os diferentes grupos da colônia, que incrementaria a relevância de demonstrar que não se tinha nenhuma dessas máculas tão importantes na península por parte dos nascidos no Novo Mundo e daqueles que chegavam da Europa, algo que influenciou de forma profunda a cristalização do *mestizo* como nova definição, que apesar de não ter sido importada da Europa, foi se conformando a partir de pressupostos que lá imperavam há séculos.

Os principais estereótipos vinculados ao grupo que sustentaram a sua depreciação na hierarquia sociorracial da colônia, foram a já mencionada ambiguidade social dos filhos mezclados e a associação estabelecida entre essa condição e a ilegitimidade de nascimento, derivada da excepcionalidade dos casos em que os espanhóis, geralmente homens, se casavam com as mulheres indígenas com as quais tinham descendência, sendo muito mais comum práticas sexuais extramatrimoniais ou realizadas de forma violenta. Todavia, o termo foi muito marcado por uma frequente inconsistência na hora da sua atribuição dependendo do lugar e do momento, pois nunca existiu uma conceituação explícita por parte das autoridades espanholas do que significava ser *mestizo*, o que fortaleceu mais ainda a ambiguidade desse grupo. Por outro lado, é nesse momento de diferenciação da população mista que os progenitores começam também a se diferenciar no seu status social, ou seja, os indígenas antes vistos como uma “*nación*” que até certo ponto era “equiparável” aos europeus,

² Cabe destacar que a atual Espanha não seria governada por um mesmo Monarca até 1516 quando Carlos V assume o trono, portanto, não se pode asseverar que existisse uma *nación* espanhola durante os primeiros anos da colonização (Schwaller, 2020, p. 153).

-embora fosse percebida como moralmente inferior devido à condição de “neófitos perpétuos” que lhe tinha sido atribuída- passaram a ser cada vez mais menosprezados, se reforçando ainda mais a visão paternalista e os estereótipos que se tinha deles naquele contexto (Jiménez, 2008, p 287-288; Schwaller, 2020, pp. 164-165; Stolcke 2008, pp. 6-7).

Enquanto ao jovem Gómez Suárez, não podemos asseverar que se encontrasse dentro do grupo legalmente discriminado por sua condição mesclada, devido por um lado à sua nobreza e ao seu reconhecimento por parte do pai e pelo outro, a que nascera quando esses processos de diferenciação dos *mestizos* ainda estavam se desenvolvendo, fato que contribuiu para que Gómez Suárez fosse visto socialmente, senão como um *español*, ao menos como um nobre que ocupava um espaço social privilegiado. Porém, sabemos que os seus pais foram forçados pela Coroa a casarem com outras pessoas em 1549, permanecendo Gómez Suárez sob a tutela do *Capitán* Garcilaso. O pai, inclusive, o tornara seu escrivão³ e em 1559 após a sua morte lhe deixara quatro mil pesos em ouro e prata de herança para que viajasse à Espanha (Chang-Rodríguez, 2006, p. 16). Esse acontecimento marcou um ponto de inflexão na vida de Figueroa, que em 1560 embarcou para atravessar o Atlântico, tocando terra no Velho Mundo pela primeira vez meses depois em Lisboa (*Ibidem*, p. 19).

Ao chegar na Espanha, Gómez Suárez se instalou na pequena vila de Montilla na Andaluzia, sob a proteção do tio e quase em seguida, a finais de 1561, viajou a Madri com a intenção de solicitar ao Conselho de Índias mercês e benefícios em compensação pelos serviços prestados pelo pai à Coroa, onde também se reencontrou com um dos participantes da expedição de Hernando de Soto que iria lhe servir como testemunha durante a escrita de *La Florida*, que provavelmente começara a redigir durante esses anos. Entretanto, as mercês solicitadas foram negadas com base nos escritos de historiadores que asseguravam a perfídia do Capitão Garcilaso Vargas, o qual, alegavam, teria

³ De acordo com Schwaller (2020, p. 175) a ocupação desse cargo seria proibida por lei aos *mestizos* partir de 1576.



ajudado ao rebelde Gonzalo Pizarro durante as revoltas dos *encomenderos* no Peru (Stolcke, 2008, p. 10). Gómez Suárez, indignado, chegaria a anotar no seu volume de *História general de las Índias y conquista de México* de Francisco López de Gómara no trecho onde este escreve sobre a traição do pai: “Esta mentira tem me custado o comer quiçá melhor.”⁴ Após esses sucessos, Figueroa recebeu permissão real para retornar à sua terra natal, no entanto, acabou permanecendo na península por razões que permanecem desconhecidas (*Ibidem*, pp. 19-21).

Existe uma alta probabilidade dessa breve experiência na Corte ter influenciado os seus escritos posteriores, pois nesse momento o Inca teve a oportunidade de perceber a relevância da narrativa histórica como forma efetiva de agência política no mundo hispânico. Não surpreende, portanto, as suas obras apresentarem narrativas muito diferentes das daqueles primeiros cronistas de Índias, com uma clara tendência a reivindicar a sua linhagem familiar. Garcilaso inclusive redigiu por volta de 1596 uma genealogia da família paterna buscando exaltar o histórico de fidelidade desta à Coroa castelhana e as glórias militares e humanísticas dos seus ilustres antepassados espanhóis. O manuscrito foi pensado como um anexo a ser publicado junto a *La Florida del Inca*, mas por algum motivo acabou permanecendo inédito (Gandini, 2025, p. 118).

Autopercepção e pluralidade

Até esse momento, temos definido através de elucubrações externas alguns dos sucessos biográficos do Inca que podem ter, de uma forma ou outra, moldado a sua identidade. Além do mais, definimos de maneira geral o que significava ser *mestizo* no Peru do século XVI. Contudo, consideramos necessário explorar também a perspectiva do próprio Garcilaso sobre a condição de *mestizo*, pois como mencionamos anteriormente, essa classificação

⁴ No original: “Esta mentira me ha costado el comer quiçá por mejor” (De la Vega, *apud*. Chang-Rodríguez, *op cit.*) Todas as traduções e atualizações gramaticais e ortográficas são da nossa autoria.

carregava naquele momento um tom pejorativo, o que torna, ao menos em princípio, surpreendente o fato do autor tê-la atribuído a si próprio apesar de poder ter escapado facilmente a ela graças ao seu status social. Ele até chegaria a afirmar que o mais frequente entre os *mestizos* da América era a recusa dessa designação, demonstrando a consciência do Inca a respeito das consequências negativas que implicava o ser considerado *mestizo*:

Aos filhos de espanhol e de índia ou de índio e espanhola nos chamam mestiços, por dizer que somos mezclados de ambas as nações: foi imposto pelos primeiros espanhóis que tiveram filhos em Índias: e por ser nome imposto por nossos pais e pela sua significação chamo-me assim a boca cheia e me honro com ele. Embora, em Índias, se a um deles lhe dizem tu és um mestiço ou é um mestiço, tomam-no por menosprezo (De la Vega, 1609, p. 533).⁵

Analisaremos mais detalhadamente essa questão recorrendo a um outro livro do cusquenho: *Comentários Reales de los Incas*. Mas antes, gostaríamos de ressaltar que, apesar de a obra ter sido publicada em 1609, podemos afirmar que as ideias contidas nela estiveram imbuídas e moldaram também a escrita da *Florida del Inca*, publicada quatro anos antes. Sustentamos nossa asseveração nas próprias palavras do Inca no Proêmio de *La Florida*:

(...) dei em escrever esta história e com o mesmo deleite fico fabricando, forjando e limando a do Peru, da origem dos Reis Incas, suas antiguidades, idolatria e conquistas, suas leis, e a ordem de seu governo em paz e em guerra. Em todo isso mediante o favor divino vou quase ao fim. (De la Vega, 1605, p. 9).⁶

Tendo estabelecido as devidas ressalvas, podemos passar a examinar brevemente o escudo de armas que Garcilaso de la Vega cria para si mesmo e

⁵ No original: A los hijos de Epañaol y de Yndia, o de Yndio y Epañaola nos llaman Meftizos, por dezir que fomos mezclados de ambas nafciones: fue impuefto por los primeros Epañaoles que tuuieron hijos en Yndias: y por fer nombre impuefto por nueftros padres, y por fu fignificacion me lo llamo yo a boca llena, y me honro con el. Aunque en Yndias fi a vno dellos le dizen foyz vn meftizo, o es vn meftizo lo tomã por menos precio.

⁶ No original: (...) di em efcreuir efta hiftoria, y com el mifmo deleyte quedo fabricando, forjando y limando la del Peru del origen de los Reyes Incas, fus antiguallas, idolatria, y conquiftas, fus leyes, y el orden de fu gouierno en paz y en guerra. En todo lo qual mediante el fauor divino voy ya casi al fin.



que coloca depois da página de título na primeira edição dos *Comentários Reales*, um emblema que consegue nos auxiliar a refletir sobre a complexidade, as contradições e as nuances da identidade do Inca (Chang-Rodríguez, 2006, p. 28).



Figura 02: Escudo do Inca Garcilaso de la Vega. Cortesia da Biblioteca Digital Hispánica. (De la Vega, 1609, p. 9)

O primeiro que devemos destacar é a decisão do Inca de exaltar a sua ascendência incaica e espanhola através da heráldica. Na Ibéria Moderna, os brasões eram elementos fulcrais na composição da performatividade identitária característica da nobreza. Eles eram a expressão de uma visão na qual era tão importante o ser nobre quanto o parecer nobre. Nesse sentido, o discurso sociopolítico dentro do qual se inseriam os brasões fazia com que a sua composição fosse regulada por leis e a sua posse reconhecida de forma burocrática, pois era a representação simbólica da nobreza, da lealdade à Monarquia e da pureza do sangue. Possuir um brasão de armas naquele momento significava, destarte, possuir e exibir o prestígio familiar, os privilégios e o honor ligados à nobreza (Berrendero, 2019, pp. 50-61). Ainda, a frase do contorno do brasão nos ajuda a identificar essa exaltação da prosápia: “*CON LA ESPADA / Y CON LA PLVMA*”. Aqui percebemos como Garcilaso, não sem certo orgulho, associa o seu passado familiar à carreira militar e das letras, ao

implicar que antes dele -e igual a ele- foram ambas seguidas com grande êxito pelos seus antepassados incas e castelhanos.⁷

Logo, podemos inferir que a representação dentro do discurso heráldico da imagética dividida entre os seus familiares espanhóis e incaicos,⁸ atende a uma concepção múltipla da identidade *mestiza* por parte de Garcilaso, vinculada no seu caso de forma intrínseca à condição de nobre, que era, de acordo com Berrendero (*op cit*) quase tão distintiva quanto a “*nación*”, no sentido de possuir características e valores morais próprios. Desde essa perspectiva, a multiplicidade identitária do Inca abarca também o pertencimento a outras duas categorias que possuem um caráter mais cultural, a “*índia*” e a “*española*”, assim como a reivindicação da condição de intermediário entre as duas, fazendo de Garcilaso de la Vega, segundo Dante Liano (2008, p. 24):

um escritor de “fronteira”, ou seja, como primeira definição, uma maneira de pensar desde a diferença, desde a intersecção de culturas, que não são nem a cultura hegemônica nem a cultura outra ou “subalterna”, mas um lugar comum onde todas essas correntes dialogam.⁹

Tendo chegado neste ponto, é possível considerar a identidade de Garcilaso, que aqui chamamos de “*mestiza*”, como sendo algo que sem deixar de ser conflituoso e “desgarrado”, pois surge diretamente da violência colonial, consegue ser fluído, ambíguo e “fronteiriço”, estando marcada pelo orgulho de dois passados idealizados que dependendo da situação podem ganhar mais ou menos destaque ou até serem assumidos exclusivamente. Portanto, para

⁷ É válido lembrar que Garcilaso de la Vega era aparentado com o famoso poeta e soldado espanhol de mesmo nome e que na época existia um apreço muito grande pelo ideal do homem audaz com as letras e com as armas, talvez um outro exemplo contemporâneo a Garcilaso seja o famoso Miguel de Cervantes. Ademais, descendia da realeza de um dos maiores Impérios americanos desse momento.

⁸ São representados à esquerda os escudos dos marqueses de Priego, os condes Feria, os duques do Infantado e os condes de Cabra e à direita as duas serpentes devorando o arco-íris do qual pendura a borla real, com a lua e o sol no topo, símbolo da realeza incaica (Chang-Rodríguez, *op cit*).

⁹ No original: un escritor de «frontera», es decir, como primera definición, una manera de pensar desde la diferencia, desde la intersección de culturas que no son ni la cultura hegemónica, ni la cultura «otra» o «subalterna», sino un lugar en donde todas esas corrientes dialogan.



Garcilaso em específico, abraçar a definição de *mestizo* pode ter implicado se colocar como herdeiro dos Imperadores do *Tahuantinsuyu* e daqueles que os conquistaram, assim como um “tradutor” que escreve para ser entendido por dois culturas entre as quais ele se encontra e transita. Tudo isso, sem deixar de estar consciente dos preconceitos que no mundo hispânico acompanhavam essa designação.

Retórica e identidade

Por fim, estabelecidas as balizas conceituais pertinentes e levando em consideração as ponderações apresentadas, nos é possível analisar como que a identidade de Garcilaso, nos seus variados matizes, se manifesta nos paratextos de *La Florida del Inca*, buscando oferecer ao mesmo tempo, a possibilidade de o autor tê-la “instrumentalizado” enquanto recurso retórico na construção de um discurso típico dos paratextos da historiografia indiana dos séculos XVI e XVII. Começaremos com uma análise do título da obra:

A Florida do Inca: História do adiantado Hernando de Soto, governador e capitão geral do Reino da Flórida e de outros cavaleiros espanhóis e índios, escrita pelo Inca Garcilaso de la Vega, capitão de sua majestade, natural da grande cidade de Cusco, capital dos Reinos e províncias do Perú. (De la Vega, 1605, p. 1).¹⁰

Em primeiro lugar, devemos saber que o título de um livro não só tem a função de o nomear, descrever o seu conteúdo ou delimitar a “formação discursiva” à qual o mesmo pertence, mais do que isso, serve para difundir a obra entre o “público”, um grupo que certamente é mais amplo do que os “leitores” ou “compradores”, já que qualquer um que conheça o título terá, de certa forma, lido o livro sem o ler propriamente, auxiliando assim na “propaganda” do mesmo, algo que será realizado de forma mais eficaz se o título resultar chamativo (Genette, 2009, pp. 71-75). Além do mais, o uso de um

¹⁰ No original: *La Florida del Ynca: Historia del adelantado Hernando de Soto, gouernador y capitan general del Reyno de la Florida, y de otros heroicos caualleros Epañaes e Indios; efcrita por el Ynca Garcilaffo de la Vega, capitán de fu Mageftad, natural de la gran ciudad del Cozco, cabeça de los Reynos e prouincias del Perú.*

“pseudônimo” para assinar a obra, ou seja, qualquer nome que não seja o “legal” do autor, pode ter auxiliado para “causar um efeito” entre o público. Podemos considerar o nome do autor como um pseudônimo pois ele foi se conformando através de várias mudanças adotadas pelo autor depois da sua chegada na Espanha.

O primeiro câmbio se dá em 1563 quando o cusquenho apareceria referido em uma ata de batismo de um dos seus familiares como Gómez Suárez de la Vega e em outra, dias depois, já como Garcilaso de la Vega. Posteriormente, em 1568 Garcilaso se uniu às mesnadas do Conde de Feria, seu parente, para combater a revolta mourisca das Alpujarras, o que lhe garantiria dois anos depois o título de Capitão da sua Majestade, que vemos também em outras das suas obras. Já a palavra Inca, foi adicionada ao nome bem posteriormente, aparecendo por vez primeira como “*Inga*” no título da sua primeira obra publicada, uma tradução do toscano para o espanhol do livro *Diálogos de Amor* de León Hebreo em 1590, onde o autor também se autodenomina “*Indio*” no título.

Portanto, apesar de não podermos constatar de forma precisa os motivos dessas mudanças, não quer dizer que o novo nome não possa ter servido como elemento que conferiu distinção à obra e que influenciou na maneira com a qual ela era enxergada e lida pelo público, uma vez que este sabia de início quem a escreveu e, neste caso, a categoria sociorracial dessa pessoa, algo que, como mencionamos, naquela época implicava a atribuição de determinadas características e valores ao indivíduo (*Ibidem*, pp. 40; 47-50). Nesse sentido, notamos que existe no título de *La Florida*, além de uma equiparação positiva dos espanhóis e dos indígenas, chamados de “heroicos cavaleiros” e na qual aprofundaremos mais adiante, uma ênfase notável na origem do autor e na sua condição de “Inca” e de natural do Novo Mundo, o que sugere uma possível construção autoral-identitária por parte de Garcilaso como um escritor *mestizo/índio/español* dentro dos paratextos das suas publicações (Chang-Rodríguez, 2006, pp. 21-25; Gandini, *op cit*).



Continuando, podemos observar no seguinte trecho, que consta na dedicatória ao Duque de Bragança uma situação diferente na qual a identidade aparece como elemento central:

Vendo-me, pois, por uma parte tão obrigado e por outra tão aficionado, não soube com que corresponder à obrigação nem como poder mostrar a afeição senão com fazer este atrevimento (para um índio demasiado) de oferecer e dedicar a Vossa Excelência esta história (De la Vega, 1605, p. 6).

Neste trecho, podemos primeiramente identificar as dinâmicas de poder que envolvem de maneira determinante a produção de narrativas históricas no período através da típica prática de lisonjear a alguém poderoso através da dedicatória do livro, esperando, quiçá, algo em troca (Genette, 2009, pp. 110-113).¹¹ Tais dinâmicas, respondiam a interesses por vezes contraditórios, já que os cronistas deviam escrever não só histórias que ensinassem ao “bom viver” e em compromisso com a verdade, mas também que estivessem alinhadas aos seus interesses pessoais, aos da Coroa e aos da Igreja, que pretendiam legitimar as conquistas de novos territórios através da expansão da religião católica num período de agitação por causa da Reforma e da expansão ultramarina das potências protestantes (Mignolo, 1981, p. 13; Oliveira, 2020).

Contudo, o que capta a nossa atenção, não é a adulação em si, que era muito recorrente nos livros da época, mas a forma em que ela é realizada, pois se baseia numa diminuição que parte do fato do autor ser “*índio*”, algo que o tornaria inferior e incapaz de semelhante atrevimento (Schwaller, 2020, pp. 168-170). Desse modo, percebemos como o lado “*índio*” de Garcilaso aparece como elemento retórico que lhe permite se autodepreciar perante o Duque. Igualmente, notamos aqui a fluidez identitária característica de Garcilaso que lhe permite se reconhecer “*índio*” e destacar a carga negativa inerente ao termo, algo que não lhe impedirá, entretanto, deixar subentendido mais adiante que

¹¹ Alguns autores têm afirmado que o Duque de fato se sentiu elogiado pela dedicatória do livro e facilitou a sua publicação (Durand, 1954, p. 295 *apud*. Pérez, 2006, p. 203).

também faz parte da “*nación*” espanhola e exaltar a honra de ambos os grupos.¹²

Igualmente instigante é o trecho seguinte, onde Garcilaso escreve: “Pelo qual, me vendo obrigado de ambas as nações, porque sou filho de um espanhol e de uma índia, importunei muitas vezes àquele cavaleiro escrevêsse (sic) aquela história, lhe servindo eu de escrivão.” (De la Vega, 1605, p. 6).¹³ Dessa vez o Inca atribui ao seu duplo pertencimento a causa de ser para ele uma “obrigatoriedade” a escrita do livro, justificando assim o seu trabalho. Essa explicação resulta notável, já que segundo os parâmetros e expectativas da época para esse tipo de obras, seria suficiente apresentar motivações morais, religiosas e pedagógicas, algo que Garcilaso também faz, o que poderia sugerir um interesse por parte do autor de deixar explícito que aquilo que o move a não deixar cair no esquecimento esses acontecimentos é a sua condição de *mestizo*, algo que fará, note-se, apenas como “escrivão” de um outro “cavaleiro” que presenciou os sucessos. Em vista disso, poderíamos inferir que, possivelmente, além de apenas justificar a escrita do livro através do seu “pertencimento às duas nações”, Garcilaso se apoia nisso para, de uma forma muito sutil, indicar a sua própria confiabilidade enquanto copista de uma narração que lhe é ditada e a qual ele se vê “obrigado” a contar (Oliveira, 2020, pp. 223-224; Gandini, 2025, pp. 119-122).¹⁴

¹² Onde atendimos com cuidado e diligência a escrever tudo que nesta jornada se sucedeu desde o seu início e até o seu fim: para honre e fama da nação espanhola, tão grandes coisas tem feito no Novo Mundo e não menos dos índios que na história se mostraram e pareceram dignos do mesmo honor. No original: Donde atendimos con cuydado y diligencia a efcriuir todo lo q en ehta jornada fufcedio defde el principio della hafta fu fin: para honra y fama de la nacion Epañaola, que tan grandes cofas a hecho en el nueuo mundo, y no menos de los Indios que en la hiftoria fe moftraren y parefcieron dignos del mifmo honor (*sic*). (De la Vega, 1605, p. 7).

¹³ No original: Por lo qual viendome obligado de ambas naciones, porque foy hijo de vn Epañaol y de vna India, importune muchas vezes a aquel cauallero efcriuieffemos ehta hiftoria, firuiendole yo de efcriuiente.

¹⁴ Que certo confessando toda a verdade digo, que para trabalhar e havê-la escrito, não me moveu outro fim senão o desejo de que por aquela terra tão longa e larga se estenda a religião cristã. (De la Vega, 1605, p. 8). No original: Que cierto confeffando toda verdad digo, que para trabajar y hauerla efcrito, no me mouio outro fin fino el deffeo de que por aquella tierra tan larga y ancha fe ehtienda la religion Chriftiana.



Em seguida, trazemos também a parte final do Proêmio, onde novamente a identidade aparece no discurso paratextual:

(...) e as faltas que leva se me perdoem porque sou índio. Que aos tais por serem bárbaros e não educados em ciências nem em artes, não se permite que naquilo que disserem ou fizerem os levem pelo rigor dos preceitos da arte ou ciência, por não os haverem aprendido, senão que os admitam como vierem. (De la Vega, 1605, pp. 9-10).¹⁵

Mais uma vez, temos a reivindicação do fato de ser “índio”, que, como no excerto anterior, é feita com a intenção se rebaixar e expressar incapacidade perante o leitor. Aqui, estamos novamente frente a um recurso retórico comum, frequentemente empregado nos Prefácios, que além do mais, têm a função de “para-raios”, ou seja, de neutralizadores de possíveis julgamentos e críticas (Genette, 2009, pp. 185-186). Mais uma vez, a opção de aludir à sua ascendência para destacar um suposto barbarismo e rudimentariedade na obra em vez de optar por outros recursos retóricos mais “tradicionais” é digno de menção. Consideramos que não seria desacertado pensar que essa escolha indicaria que existia nele, por um lado, o conhecimento da aceitação generalizada de estereótipos negativos com respeito à inteligência dos indígenas por parte do leitor espanhol, e pelo outro, uma descrença nesse estereótipo, algo que se deixa entrever no próprio prefácio com uma ironia quase imperceptível:

E levando mais adiante esta piedosa consideração, seria nobre artifício e generosa indústria favorecer em mim (embora não o mereça) a todos os índios, mestiços e crioulos do Peru: para que vendo eles o favor e mercê que os discretos e sábios faziam a seu principiante, se animassem a passar adiante em coisas semelhantes, tiradas dos seus não cultivados engenhos, a qual mercê e favor espero que a eles e a mim nos a farão com muita liberalidade e aplauso os ilustres de entendimento e generosos de ânimo: porque meu desejo e vontade no serviço deles (como meus pobres trabalhos passados e presentes e aqueles por sair o mostram) tem-na bem merecida. (De la Vega, 1605, p. 10)¹⁶

¹⁵ No original: (...) y las faltas que lleua fe me perdonen porque foy Indio. Que a los tales por fer barbaros y no enfeñados en fciencias ni artes, no fe permite que en lo que dixeren o hizieren, los lleuen por el rigor de los preceptos del arte o fciencia, por no los auer aprendido, fi no que los admitan como vinieren.

¹⁶ No original: Y lleuando mas adelante efta piadofa confideracion, feria noble artifício y generofa induftria fauorfcer en mi (aunque yo no lo merezca) a todos los Indios meftizos, y

Este fragmento resulta extremamente interessante, pois nele encontramos a humilíssima petição, que ainda conserva o tom inferiorizante, de “favor e mercê”, os quais, destaca ainda, serão entregues “com muita liberalidade e aplauso os ilustres de entendimento e generosos de ânimo”, algo que, a nosso ver, deixa implícito que aqueles que não possuam tais características não julgarão positivamente a obra. Esses benefícios, destaca, não serão para seu benefício pessoal, pois ele afirma não o merecer, mas para inspirar a todos os “índios, mestiços e crioulos do Peru” a seguirem seus passos no mundo das letras. Desse modo, resulta contraditório, depois de ter assegurado várias vezes o barbarismo do indígena e a incapacidade intelectual deste nas artes e nas ciências, fazer uma chamada a estes e aos *mestizos* e crioulos a seguirem o caminho das letras, algo que indica que ele pode, como já dissemos, não ter compartilhado inteiramente esses preconceitos, nos quais insiste por mera estratégia discursiva e não inteiramente por convicção.

Nesse sentido, Mercedes Arnaiz (2008) e José Antonio Mazzotti (2008), afirmam que na obra de Garcilaso há uma visão do indígena que contradiz diretamente a visão que geralmente se tinha deles na Europa. Em *La Florida*, mais especificamente, há vários exemplos de “índios” que atendem ao ideal herói nobre do renascimento, quase como se se “cristianizasse” os indígenas, lhes conferindo valores e visões de mundo claramente europeias, que se refletem ainda em supostas falas protagonizadas por eles. Igualmente, há na obra uma crítica incisiva à cobiça e crueldade de alguns espanhóis, sugerindo que em certa medida essas más ações poderiam ter levado ao fracasso da expedição de Soto. Ademais, Garcilaso utiliza sua construção “positiva” da imagem do

criollos del Peru: para que viendo ellos el fauor y merced que los difcretos y fabios hazian a fu principiante, fe animaffen a paffar adelante en cofas femejantes, facadas de fus no cultiuados ingenios, la qual merced y fauor efpero que a ellos y a mi nos la haran con mucha liberalidad y aplaufo los illuftres de entendimiento, y generofos de animo: porque mi defeo y voluntad en el feruicio dellos (como mis pobres trabajos paffados y prefentes, y los falir a luz lo mueftran) la tiene bien merefcida.



indígena dentro da obra para equiparar aos nativos floridianos com os Incas, se referindo com frequência aos líderes e nobres floridianos como “curacas” ou “incas” de maneira indistinta, algo que aproximaria simultaneamente o autor a esses nativos, dotando a sua narrativa de uma legitimidade maior pelo fato dele mesmo ser um Inca e por isso ter um conhecimento maior dos “*índios*” (Gandini, 2025, pp. 125-126). Ainda, é relevante notar como na sua exaltação das populações subalternizadas da América não há menção dos afrodescendentes, o que pode sugerir que para o Inca de fato existia uma hierarquia social, na qual os indígenas e os mestiços estariam acima desse outro grupo, algo que está em sintonia com a visão que imperava na península.

Em consequência, vemos nesse trecho como a identidade assume um papel protagonista como ferramenta do discurso, já que ela lhe permite se colocar como representante de um grupo tão amplo quanto é o dos “índios, mestiços e crioulos do Peru” para assim tentar reivindicá-los através de sua obra e da sua pessoa, se colocando além do mais, como um referente perante um “possível leitor andino” (Mazzotti, 2008, p. 65).

Considerações Finais

Com o desenvolver deste estudo, conseguimos num primeiro momento articular acontecimentos biográficos específicos e problematizações realizadas em torno da conformação dos conceitos “sociorraciais” no contexto colonial da América hispânica de finais do século XVI e inícios do século XVII às considerações próprias que o Inca Garcilaso de la Vega deixa acerca de si mesmo e da sua condição de descendente das nobrezas europeia e incaica, para assim, definirmos algumas características relevantes da identidade *mestiza* desse cronista da primeira Modernidade.

Em um segunda parte, munidos com as ferramentas conceituais estabelecidas previamente e nos baseando sobretudo no fato de que existia uma retórica paratextual já consolidada nesse momento e que era mais recorrente, argumentamos que Garcilaso pode ter utilizado a sua identidade

como ferramenta discursiva procurando sustentar cinco objetivos principais. O primeiro deles é a desvalorização própria através da aceitação de preconceitos negativos associados ao grupo sociorracial do qual ele afirmava fazer parte; tanto frente um nobre poderoso e possível mecenas, quanto aos seus leitores para, no caso do primeiro, obter possíveis mercês ou favores e do segundo, evitar possíveis críticas. O segundo, é justificar da escrita da obra, pois de acordo com o Inca, o pertencimento às duas “*naciones*” envolvidas nos acontecimentos narrados, o teria compelido a escrever essa História.

Ademais, através desse duplo pertencimento, Garcilaso se coloca como uma autoridade e até um referente para os “*mestizos*” e “*índios*”, o que o auxiliará na sua crítica aos estereótipos negativos -que como vimos ele também reproduz- que os espanhóis atribuíam aos indígenas, crioulos e mestiços. Seguidamente, propusemos que há um aproveitamento da origem *mestiza* para dar legitimidade à sua obra e a ele mesmo enquanto narrador e historiógrafo confiável e veraz, que devido às suas origens e ao fato de ter crescido no continente americano tem o conhecimento necessário e a obrigação de salvar do esquecimento através da escrita uma História relevante na sua época. Finalmente, argumentamos que o próprio nome do autor, aqui considerado como um pseudônimo, e as repetitivas alusões à sua terra natal e ascendência incaica nos títulos de *La Florida*, assim como nos das suas outras publicações, podem ter servido para despertar o interesse do público e influir na leitura que este poderia fazer dos seus livros.



REFERÊNCIAS

ARNAIZ, Mercedes Serna. La imagen del indígena americano en La Florida del Inca. In: MORA, Carmen de; ARANDA; Antonio Garrida. *Nuevas lecturas de La Florida del Inca*. Editora Iberoamericana: Madrid, 2008, pp. 127-141.

BERRENDERO, José Antonio Guillén. Sangre y heráldica en el siglo XVI: las noblezas ibéricas y su identidad en una perspectiva europea. Unas notas. In: LOPES, Paulo Catarino (ed.). *Portugal e a Europa nos séculos XV e XVI. Olhares, relações, identidade(s)*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2019, pp. 49-61.

CHANG-RODRIGUEZ, Raquel. Introducción, In: CHANG-RODRIGUEZ, Raquel, *et al.* (orgs.) *Franqueando fronteras: Garcilaso de la Vega y La Florida del Inca*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006, pp. 15-39.

DE LA VEGA, Inca Garcilaso. *La Florida del Ynca: Historia del adelantado Hernando de Soto, gouernador y capitan general del Reyno de la Florida, y de otros heroicos caualleros Efpañoles è Indios; efcrita por el Ynca Garcilaffo de la Vega, capitán de fu Mageftad, natural de la gran ciudad del Cozco, cabeça de los Reynos e prouincias del Perú*. Lisboa: Pedro de Crasbeeck, 1605. Disponível em: [Biblioteca Digital Hispánica](#)

DE LA VEGA, Inca Garcilaso. *Primera parte de los Comentarios Reales, qve tratan del origen de los Yncas, Reyes qve fveron del Perv, de sv idolatría, leyes y gouierno en paz y en guerra: de fus vidas y conquiftas, y de todo lo que fue aquel Imperio y fu Republica, antes que los Efpañoles paffaran a el*. Lisboa: Pedro de Crasbeeck, 1609. Disponível em: [Biblioteca Digital Hispánica](#).

GANDINI, María Juliana. Escribir las cosas como son y pasaron. Estrategias de construcción de verosimilitud en los paratextos de La Florida del Inca (Lisboa, 1605). *Revista de Historia Moderna*, n. 43, pp. 111-133, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.14198/rhm.29533>.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais: o limiar da leitura*. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

JIMÉNEZ, Pablo Rodríguez. Sangre y mestizaje en la América Hispânica. *Anuário colombiano de História Social y de la Cultura*, Bogotá, n. 35, pp. 219-310, 2008.

LIANO, Dante. El Inca Garcilaso, escritor de frontera. *In: MORA, Carmen de; ARANDA; Antonio Garrida. Nuevas lecturas de La Florida del Inca*. Editora Iberoamericana: Madrid, 2008, pp. 13-27.

MAZZOTI, José Antonio. La Florida del Inca, el rey Alarico y el proceso de construcción identitaria en el Inca Garcilaso. *In: MORA, Carmen de; ARANDA; Antonio Garrida. Nuevas lecturas de La Florida del Inca*. Editora Iberoamericana: Madrid, 2008, pp. 55-66.

MIGNOLO, Walter D. El Metatexto Historiografico y la Historiografia Indiana. *Revista MLN*, John Hopkins University Press, v. 96, n. 2, pp. 358-402, 1981.

OLIVEIRA, Flávia Preto de Godoy. A História e a História Natural do Novo Mundo: concepções e transformações das narrativas na Primeira Modernidade, *In: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge.; FERNANDES, Luiz E. de Oliveira; MARTINS, Maria C. Bohn (orgs). As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)*. v. 3. Editora Milfontes: Vitória, 2020. pp. 197-246.

PÉREZ, Pedro Guibovich. La publicación de la Florida del Inca y su contexto histórico: problemas y perspectivas de investigación. *In: CHANG-RODRIGUEZ, Raquel, et al. (orgs.) Franqueando fronteras: Garcilaso de la Vega y La Florida del Inca*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006, pp. 201-211.

STOLCKE, Verena. Congreso Argentino de Antropología Social, IX, 2008, Posadas, *Los mestizos no nacen sino que se hacen*. Barcelona: Editora Bellaterra, 2007.



SCHWALLER, Robert C. Raças, Nações, Gentes e Castas na América Espanhola Colonial, *In*: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. FERNANDES, Luiz E. de Oliveira. MARTINS, Maria C. Bohn (orgs). *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)*. v. 3. Editora Milfontes: Vitória, 2020. pp. 151-183.